

Proletários de Todos os Países: UNI-VOIS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

SALAZARISMO ESTA EM CRISE!

Como se salientou na última reunião do Comité Central do P. C. P. o regime salazarista está em crise. Em cada dia que passa se torna mais clara para muitos as contradições e a falência da política interna e externa do governo de Salazar como regime político. Daí certa desmoralização que se tem vindo a verificar nas fileiras da «União Nacional» e da «Legião Portuguesa», desmoralização que tem a sua origem no agudizar das contradições existentes entre os vários grupos sociais que tem apoiado o regime. Essas contradições aparecem numa forma bem evidente, no decorrer do recente Congresso da União Nacional, em «têr de problemas tão importantes como a concentração da riqueza nas mãos do capital monopolista, a subsistência e concentração de grande propriedade agrícola, o aumento do imposto directo e sua substituição pela «representação corporativa», a liberdade de imprensa, etc.

No discurso de Salazar, quando da inauguração do Congresso da «União Nacional», é mais expressivo por aquilo que não diz, do que por aquilo que diz. Não obstante ao caso de Salazar, existem certos problemas nacionais que se limitou a focar a situação política internacional na sua generalidade — motivo também de críticas por parte dos comunistas — o governo de Salazar conduziu o nosso país para uma situação sem saída para a qual não se vê a própria negação de toda a sua política anti-democrática e nacional, quer no plano interno quer externo.

A falência da política interna e externa de Salazar

NO PLANO INTERNO, a política do governo de Salazar travou o progresso económico e cultural do país, agudizou profundamente as condições de vida das classes trabalhadoras, arruinou as classes médias e favoreceu unicamente o grande capital monopolista nacional e estrangeiro em detrimento do alto funcionalismo civil e militar afeito do Estado Novo. A descriminação política, mais odiosa, a imoralidade mais revoltante na administração pública, a ausência das mais elementares liberdades democráticas, a repressão violenta e ilegal contra os democratas e patriotas criou no nosso país um ambiente de «guerra civil», entre portugueses contra portugueses. Aquelas pessoas que inicialmente tiveram ilusões sobre o regime salazarista, começaram a desiludir-se com os problemas que as interessavam, criticaram-se durante estes últimos 20 anos do verdadeiro rosto do regime salazarista, verificando que ele só serve os interesses da pequena minoria de grandes especuladores, banqueiros industriais, mercadores e comerciantes.

Nº PLANO EXTERNO, Salazar colocou a política portuguesa no resto da política dos imperialistas e fomentadores de guerra norte-americanos, eles mesmos, divorciando a grande maioria da população de Salazar jogou na carta da recepção internacional e contra as numerosas e poderosas forças pacíficas e democráticas de todo o mundo. Por isso mesmo, a política externa salazarista ficou de antemão condenada a um fracasso completo, pois nunca teve em linha de conta a vontade de Paz do povo

português e dos outros povos. Apesar da propaganda histórica da imprensa diária salazarista (com notícias cozinhadas pela ANI), da rádio e de outras formas de informação dominada pela censura e pelo governo, começa a aparecer claramente para uma grande parte do povo português que o governo de Salazar, jogando na carta do imperialismo e da guerra, e colaborando com a política americana, que tentou baldadamente isolar do resto do mundo a União Soviética e os outros países do campo pacífico e democrático, nada mais fez do que isolar o nosso país desse vasto campo. ISTO FREQUIDUA MAIS O NOSSO PAÍS PARA O SEU ENQUILMAMENTO NA UNÃO SOVIÉTICA E DAS DEMOCRACIAS POPULARES.

O fracasso da política salazarista reside no seu carácter reacçãoário

Se agora Salazar reconhece publicamente que, graças aos esforços da União Soviética e de outros países pacíficos, o mundo entra numa fase de coexistência pacífica, o que representa a falência de toda a sua política externa baseada na guerra. Se agora Salazar reconhece que os esforços da União Soviética e dos outros países pacíficos e democráticos «modificaram o balanço em que a política colonial imperialista salazarista estava a ser continuada», que a política de guerra fria e das posições de força foi condenada a um fracasso estrondoso e isolou os seus fomentadores, shire os quais forma o seu próprio governo. Porém o ódio da obediência servil à política norte-americana

A CRISE DA POLÍTICA NACIONAL

SÃO ELES QUE O DIZEM...

Salazar, num discurso às comissões dirigentes da «União Nacional», em Janeiro de 1956, declarou: «O meu sonho para a Nação se tinha elevado moral e materialmente durante estes 30 anos de ditadura e se não haverá «um eclipse da inteligência portuguesa». Veio, de pois, com as comemorações do 28 de Maio, toda a propaganda salazarista com a exposição dos «30 Anos de Cultura» e conferências e representações, programas da rádio, etc., para tentar demonstrar que não há crise cultural e que não há um «eclipse da inteligência portuguesa» como consequência do regime vigente.

Muitos artistas, escritores e compositores portugueses recusaram-se a participar com as suas obras nas exposições, recitais e programas elaborados pela propaganda salazarista, pois não quiseram participar numa burla, não quiseram colaborar com os plotes inimigos da cultura portuguesa. Mesmo assim, algumas das obras expostas, das peças representadas, etc., nas comemorações dos «30 Anos de Cultura» são da autoria de cientistas e de artistas democratas e foram apresentadas sem sua autorização, tendo alguns deles exigido que as suas obras fossem retiradas da referida

OS AMERICANOS PRETENDEM ALARGAR O SEU DOMÍNIO NO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES!

Termina a 6 de Setembro deste ano o escravizado acordo luso-americano que conceceu aos Estados Unidos bases aéreas em território português (Lajes, Santa Maria, etc.), nas ilhas dos Açores.

Quando por toda a parte os governos patrióticos procuram libertar os seus países do domínio militar norte-americano; quando países como a Islândia, a

não lhe permitem estabelecer relações económicas e diplomáticas normais com todos os países. Desta forma a política externa de Salazar continua em oposição aos verdadeiros interesses nacionais.

Movido pelos mesmos sentimentos reacçãoários que o levam a defender encarnicadamente um colonialismo feroz, Salazar não avançou um único passo quanto à solução pacífica do problema de Goa e limitou-se a repetir uma vez mais as suas velhas ideias, e a insistir na manutenção da vida e correr tanto sangue nessa colónia portuguesa, que ele aciniosamente pretende confundir com a Nação portuguesa. Mais tarde, Salazar se recusou a dar a voz do povo de Goa e do povo português, recusando toda e qualquer negociação e pretendendo prosseguir uma política original de conflitos que só pode servir os objectivos dos fomentadores de guerras dos governantes fiéis-americanos. Prosseguindo neste caminho, Salazar condena de facto a sua política colonial a um fracasso estrondoso, visto que ele contraria às aspirações e vontade dos povos coloniais.

Desde há muito que o Partido Comunista defende a política salazarista como contrária aos interesses nacionais e que prevê o seu fracasso. A marcha dos acontecimentos políticos internos e externos comprova mais uma vez a justiça das afirmações do Partido Comunista, prova que era ele que tinha razão.

O governo de Salazar manobra para poder sobreviver!

A desmoralização que se observa nas fileiras salazaristas corresponde uma maior

(continuação de 2.ª pág.)

Dinamarca, o Egito, a Indonésia, etc., convidando o governo americano a retirar as suas tropas e material de guerra do seu território nacional ou encaminham a sua política externa a deixar reforçar os seus pontos estratégicos do território português, como o comprova a ampliação do aeródromo de Espinho, sob a direcção dos americanos e sendo as empresas construtoras, empresas americanas (jornais de 20-6-56).

Segundo nos noticiaram os jornais de 19 de Junho, o governo norte-americano, vendendo-se obrigado a abandonar as suas bases militares na Islândia por pressão do governo português, um novo acordo para a cedência de bases aéreas no Arquipélago dos Açores, SUPRINDO COM ISTAS A PERDA DO PORTUGAL.

O exemplo da Islândia e dos outros países deve ser seguido por nós portugueses.

Se a intensificação do esforço comum de todos os povos democráticos para a manutenção da integridade do território nacional e da soberania portuguesa, poderá forçar o governo de Salazar a regular as bases aéreas cedidas aos Estados Unidos nos Açores e a servir os interesses nacionais. Nós portugueses não queremos novas cedências nem mais acordos atentatórios da soberania nacional.

Que Portugal pertença aos portugueses!

6-16 DE MAIO

JORNADA DEMOCRÁTICA DO POVO DE AVEIRO!

A Revolução de 16 de Maio de 1828 foi um grilo de revolta contra o absolutismo dos Miguelistas que, tal como hoje os salazaristas, faziam reinar no país um regime de opressão e terror. Os mártires de 16 de Maio de 1828 foram os primeiros democraticamente recordados pelos democratas e liberais de Aveiro.

No Chile Teodoro Avelar realizou-se um dia de manifestação democrática ao qual estiveram presentes mais de 400 pessoas entre os quais representantes dos democratas de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Évora. Nos discursos pronunciados, foi exaltada a Liberdade e a Democracia, e todos os presentes expressaram o desejo de que a unidade de todos os democratas portugueses seja em breve uma realidade para bem do nosso povo.

Da parte da manhã muitos grupos de pessoas depositaram flores nas campas dos liberais de Aveiro enforcados pelos Miguelistas.

No dia 17, o Dr. Jaime Cortesão realizou uma conferência intencional o significado da dita liberal, a qual assistiram cerca de 300 pessoas, tendo a sessão sido aberta pelo leito de um dos justificados do 16 de Maio.

Como medida de intimidação, a PIDE prendeu na véspera o operário José Ferreira da Comissão Organizadora, facto contra o qual todos protestaram.

Primeiro congresso da «União Nacional» o cônego Urbano Duarte condenou a censura como contrária à cultura e pediu a liberdade de imprensa no meio dos contraditórios pelos congressistas mais reacçãoários. A realidade dos factos, pela boca dos próprios salazaristas, se encarrega de desmentir a propaganda fascista dos «30 Anos de Cultura». São eles mesmo que constatarem a crise cultural e moral que o nosso país atravessa, como consequência dum política de compadrias, de intrigas, de provocações e perseguições policiais elaborada pela caméllia salazarista durante estes longos 30 anos de regime fascista.

TRES FILHOS DO POVO PORTUGUÊS

VÍTIMAS DA REPRESSÃO SALAZARISTA

Nesta segunda metade do mês de Junho passa o aniversário da morte de três filhos do povo português que foram vítimas da repressão salazarista.

A 20 de Junho de 1936 morreu na Fortaleza de Angra do Heroísmo o militante comunista e operário vitimado da Marinha Grande, FRANCISCO CRUZ, vítima dos seus traços na polícia e dum longa permanência nas prisões salazaristas.

Em 21 de Junho de 1947 foi assassinado pela PIDE o militante comunista e camponês alentejano JOSÉ ANTONIO PATULEIA. Este valeroso defensor dos trabalhadores rurais alentejanos preferiu dar a vida a traír os seus

companheiros de luta e o seu Partido.

A 25 de Junho de 1948 faleceu o grande patriota e cientista português BENTO GARCIA. Este obreiro incansável da unidade dos democratas portugueses e militante destacado do Partido Comunista Português. A vida e obra científica de Bento Garcia são uma fonte inestimável da jovem geração.

A vida preciosa de Bento Garcia foi encurtada pela repressão salazarista, visto que a sua doença de coração foi agravada com a prisão e a tortura.

Foram três vidas consagradas à causa do povo, que o inspiram nas suas lutas e que ele não esquecerá mais.

ÁLVARO CUNHAL TEM CUMPRIDA A PENA A QUE FOI CONDENADO! SO A NOSSA LUTA O PODERA LIBERTAR!

FRANCISCO MIGUEL TEM HA MUITO CUMPRIDA A PENA E A SUA VIDA CORRE PERIGO! SO A NOSSA LUTA PODERA FORÇAR A POLÍCIA E O GOVERNO A LIBERTAR O E SO ASSIM PODEREMOS EVITAR A SUA MORTE NAS MÓRRAS SALAZARISTAS.

SO A LUTA DE TODOS OS PORTUGUESES DE CORAÇÃO CONTRA A REPRESSÃO SALAZARISTA E POR UMA AMPLA AMNISTIA PODERA RESTITUIR A LIBERDADE PATRIÓTICA QUE SE ENCONTRAM PRESOS HA 7 E 8 ANOS E COM AS SUAS PENAS CUMPRIDAS HA MUITO!

GREVES

NA FÁBRICA DE EXPLOSIVOS DA AMORA!

Já se conhece a origem da nova explosão na fábrica de explosivos da Cruz do Pinheiro (Amora), que em 5 de Maio roubou a vida a 5 operários e feriu 20. O governo fez grandes encomendas de explosivos e os patrões obrigam os operários a trabalhar a ritmos acelerados e sem as necessárias medidas de segurança.

Como diz o manifesto da Organização Regional da Margem Sul do Partido Comunista, «o desejo deu-se porque a máquina que misturava o dinamite não trabalhava mais do que o normal, dando ao que os materiais se inflammassem. Era tão grande o excesso de produção que que os materiais não chegavam a ter 2.000 quilos de explosivos em vez de terem só 200 como manda a lei».

Indignados com a falta de segurança no trabalho, no dia 8 de Maio só 50 operários dos 200 que contra a fábrica comprecerem ao trabalho e, esses mesmos, dirigiram-se à gerência para declarar que não trabalhariam em tal de luta e que reivindicavam mais condições de segurança e melhores salários. No dia 9 compareceram 100 operários. Mas

como a gerência tivesse despedido um operário, os 100 operários fizeram greve, dizendo que não trabalhariam enquanto o operário despedido não fosse reabilitado, o que conseguiram passado meia hora. No dia 5 de Junho, ao passar um mês sobre a morte dos seus camaradas do trabalho, os 200 operários paralizaram o trabalho em sinal de luto, fazendo um minuto de silêncio.

Ante a firmeza e unidade dos operários desta amora, o patrão viu-se obrigado a fazer algumas concessões. Assim é que os salários foram aumentados no dia 9 de Junho em mais 2500 por dia, que o rancho de cama foi paralizado e o trabalho a assistência ao pessoal. No entanto os perigos de novas explosões continuam a pairar, pois que a fábrica continua a trabalhar a ritmo anormal para satisfazer certas encomendas.

Lavra o maior descontentamento entre os trabalhadores desta empresa, que se mostram dispostos a combater a fábrica por mais segurança no trabalho, por melhores salários e para que sejam concedidas pensões às famílias das vítimas de explosão.

É POSSÍVEL FAZER SUBIR OS SALÁRIOS!

LUTAM A LUTA DOS OPERÁRIOS E EMPREGADOS

PROSSEQUE A LUTA DOS CORTICEIROS

Depois do aumento de 15%, dos trabalhadores da CUF do Barreiro, foi anunciado no «Avante!», este mesmo aumento tornou-se tendência para os TRABALHADORES DA CUF DE LISBOA E DE TODAS AS EMPRESAS DAS CONSTRUÇÕES NAVAIS DE LISBOA, num total superior a 15.000, em consequência da luta dos operários destas empresas.

O aumento de 15%, apesar de não satisfazer os operários, pôs o custo de vida aligeiro nos últimos tempos uma percentagem muito mais elevada, foi já uma importante vitória e um estímulo para continuar a lutar por um aumento de harmonia com o custo de vida.

OS TRABALHADORES DO PORTO DE LISBOA, continuando a sua luta, dirigiram recentemente uma exposição ao Ministro das Corporações assinada por mais de mil trabalhadores, reclamando um aumento de 50%, nos seus salários. Nesta reivindicação estão unidos os estivadores, os descarregadores e os pesos do Irade.

NA MARINHA GRANDE, após várias reclamações e concentrações no sindicato do pessoal vidreiro, e nas quais se tem destacado as mulheres trabalhadoras, e após constantes reclamações, os operários de algumas empresas já começaram a ser aumentados de 25% a 550%.

NA C.I.P., por meio de colaboração com os operários, concordaram com o mínimo vital de 44500 para fazer face ao custo de vida.

OS CUTIEIROS DE GUIMARÃES, apoiados pelo seu sindicato, enviaram ao Ministro das Corporações e à Assembleia Nacional uma exposição com mais de 400 assinaturas, reclamando contra os salários de fome.

NA CARRIS DO PORTO, os trabalhadores continuam a luta pela melhoria da sua situação. Uma comissão, vistosa com o leão de Ugru, Horta, pedindo-lhe que apresentasse a situação de miséria dos trabalhadores da Carris, na Assembleia Nacional. Presionada pelos trabalhadores, e depois do seu encontro com o Sr. Ministro das Corporações, junto de quem defendeu as reivindicações da classe.

OS BANCÁRIOS DO PORTO, continuando a luta por aumento de salários, tem

enviado ao Ministro das Corporações muitos telegramas com centenas de assinaturas, reclamando o aumento e apoiando as diligências da direcção do seu sindicato.

Em muitas outras empresas, de Norte a Sul do país, a classe operária luta contra os salários de fome que de modo nenhum permitem a frente a vida cara e a situação de miséria em que se debatem. Recordem para isso as formas de luta mais variadas, as quais vão desde as reclamações e concentrações junto dos seus sindicatos, dos patrões e do Ministério das Corporações, até à redução da produção e pequenas paralizações, quando o patrão e o governo tardam a satisfazer os seus justos reclamos.

Os exemplos da CUF, Construções Navais de Lisboa, C.I.P. e outros, mostram que os patrões podem aumentar os trabalhadores e que estes conseguem ver salientadas as suas reivindicações mais prementes, na condição de forjarem a sua unidade e de se manterem unidos até à vitória.

TRIBUNA DOS LEITORES DO "AVANTE!"

A EXPLORAÇÃO NA CASA SOREFAME (AMADORIA)

Nesta fábrica pratica-se a maior exploração de todos os tempos. Metem aprendizes com 16 e 20 anos de idade a ganhar 2800 e 18000 em 9 horas de trabalho e quando vão trabalhar para fora, por conta da casa, vão com o salário de 50500 por dia, mas este é para o patrão. E diz o director, que se chama Francisco Matos, «nesta casa os operários ganham muito dinheiro»...

Sabem, camaradas, quantas horas se trabalham por um minuto! Para ganhar o salário, que não chega para matar a fome, 64 horas de trabalho! E com os lucros dos salários dos operários que os directores ganhavam 20 e 30 contos por mês e compram prédios e automóveis.

Camaradas! É preciso estarmos cada vez mais unidos contra os sugadores do nosso sangue.

Operário

NA FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA

A Faculdade de Letras de Lisboa é um barracão velho onde os corredores, divididos por paredes, funcionam como salas de aula. Mas não há mais salas de aula para quase um milhão de alunos, que são obrigados a assistir às aulas de pé, encostados às paredes, sentados nos papeisinhos das cadeiras e no chão, sob o cobrir dos joelhos. Não podendo trabalhar propositamente nestas condições, muitos alunos perdem o ritmo do estudo.

Os professores lutam com enormes dificuldades para cumprir a sua missão e alguns já se manifestam contra as condições de trabalho que lhes são impostas (horas de sala, deslocações, condições de trabalho e em livros e em confusão, telcos que ameaçam ruína, chuva que cai dentro, etc.). Isto, porquê? O Ministério da Educação, ao contrário do que sucedeu nos outros países, é dos mais mal dotados no Orçamento Geral do Estado.

Um Estudante

QUE O POVO COME E QUE O POVO NÃO PODE COMER

Quando o nosso povo diz que há falta de géneros alimentícios, diz-lo com razão. Pois os altos preços de certos produtos representam o seu raciocínio para as classes pobres. Tudo aquilo que se vende por preços incompatíveis com o nível de vida das classes pobres não existe no mercado.

Gente do nosso povo se vai ao talho uma vez por semana, e para comprar carne dá muita batalha por certos produtos. O peixe subiu e tal preço que escasseia em casa, o bacalhau que pode comprar é de péssima qualidade. Como hortícolas das hortas, por isso as outras não têm chego. Criação, só em dias de bode ou baptizado. Até os compositores, se criam alguma galinha, vendem-na para comprar a bota que o filho precisa de levar ao colégio. Ou os remédios para a andeína do trabalho. De que lhe vale ir à loja e ver os preços das latas de conservas, desde o salmão à modesta sardinha, toda a espécie de carnes, de legumes, de condimentos como os pickles e a mostarda, se nem sequer pode provar essas iguarias?

Na loja compra o pior bacalhau, as batatas bicocas e o feijão colonial, a massa que sabe a zedo, a farinha para as papas, o grão e a castanha, azetões e vinagre

como aperitivos. Para o menino que está doente, vão com grama de bolacha da terra, bolos ou pastelinhos, chocolate ou caramelo, doces de ovos e frutas secas, são para os bocas de boia rica. Até o mel das laboriosas abelhas lhe é proibido. Deixam o leite, o leite de vaca amarelo a temperar a cevada torrada fingindo café sem leite, que este, quando o há, é reservado às crianças. Nem manteiga nem queijo, e a fruta só a vista lhe pouca em casa.

Como bebida, vai à fonte, ou tira água da fonte, que o vinho só por conta e medida se compra. Vinho da Madeira, não pode comprar, não vale quase a pena saber que essas coisas existem.

Tudo isto, o nosso povo come e por razão, que os ganhos não dão para satisfazer a fome. Resultado bem evidente: as crianças são atrofiadas e raquíticas, os adolescentes tuberculosos ou candidatos, os adultos cheios de enfermidades e morrendo por meio termo da vida normal do homem, os velhos (terrapos) humanos.

Este angustioso panorama que oferece o nosso país, foi já ventilado na Assembleia Nacional e levou o deputado Dinis da Fonseca a dizer em 10-12-55 ser o estado

de subalimentação de tal gravidade que «esta condução à degenerescência física, mental e moral dos nossos filhos, gerações de robustos trabalhadores».

Pois mesmo em face desta gravíssima situação, o governo salazarista continua a não fazer nada para melhorar as condições de trabalho e de vida dos trabalhadores. Grandes empresas capitalistas e os bolsos dos banqueiros, industriais e agrários monopolistas, ao mesmo tempo que facilita o acesso aos seus lucros, mantém os preços dos produtos de consumo no nível da pobreza e do sofrimento dos trabalhadores.

Por isso mesmo, a nossa povo precisa e quer ter um governo que saiba administrar o País em benefício das classes laboriosas, que são a grande massa da Nação, e não para a manutenção de uma escassa minoria de ricos, gregados, de grandes tubarões da finança, e isso que exige o interesse nacional e que impõe a dignidade humana.

COMEMORARAM O 1.º DE MAIO OS TRABALHADORES PORTUGUESES

Vencendo a repressão fascista a classe operária portuguesa celebrou a jornada internacional dos trabalhadores assalariados nas manifestações dos seus irmãos de classe em todos os países do mundo. Na altura temos notícia das seguintes manifestações.

LISBOA — Apesar da presença da PIDE, nas oficinas da Companhia Nacional de Navegação não se trabalhou de empresa Cáraxo e Teixeira e o pessoal não trabalhou nesse dia. Também em outras empresas de construção civil o pessoal não trabalhou no dia 1.º de Maio. Numa empresa da zona oriental de Lisboa grande parte dos operários juntaram-se à hora do almoço e fizeram do significado do 1.º de Maio, fazendo em seguida um minuto de silêncio em homenagem aos que caíram nas lutas deste dia. Também em duas empresas da Venda Nova os operários comemoraram o 1.º de Maio.

COVILHÃ — Nesta cidade o 1.º de Maio foi também largamente festejado. Muitas fábricas não trabalharam e algumas os patrões chegaram a clamar por uma greve. A Alameda do patrão não deu feriado e como protesto muitos operários apareceram nesse dia a trabalhar de gravata preta e descalços, dizendo «já não havia direito dos operários a trabalhar nesse dia».

TORTOZENHO — O 1.º de Maio foi lar-

gamente comemorado neste centro industrial, não tendo trabalhado 13 fábricas num total de 100 operários. 26 3 fábricas trabalharam.

AGUEDA — Quase todas as fábricas desta vila não trabalharam no dia 1.º de Maio. Na serraria J. Silva & C.ª houve um almoço de confraternização para os operários e na fábrica da Corrugave houve um outro almoço onde os operários deram vivas ao 1.º de Maio. A fábrica de cerâmicas e olarias de Alameda, onde os operários foram orientados com verduras e houve almoços de confraternização.

PORTO — Numa empresa metalúrgica foi feita uma saída pelo 1.º de Maio perante todos os trabalhadores a hora do almoço, que foi muito bem recebida.

Também em VALE DE VARGO, ALJUSTREL, FIAS, BALEIAZ, BENAVIA, MONTEIRO DE BALNEAR, MONTEIRO DE BALNEAR, GRANDOLA, S. TIAGO DO CACÉM, SINES e muitas outras localidades os operários industriais e agrícolas comemoraram a jornada do 1.º de Maio com concentrações, cantos, vivas, minutos de silêncio, etc.

Desta forma fica provado que a repressão fascista é impotente para evitar que os trabalhadores portugueses celebrem a sua jornada que lhe é querida, que está estreitamente ligada à sua vida presente e futura.

OS COMPOSORES

Os trabalhadores rurais estão conduzindo a luta através de todo o Alentejo numerosas lutas, muitas delas vitoriosas, por melhores condições de vida. A unidade e combatividade dos operários agrícolas alentejanos conseguiu obter em alguns pontos lutas de 45000 nos campos do trigo.

BALEIAZ, ALCAÇOVES, ESCOURAL, BOA FE, MONTEMOR-DO-NOVO, etc. as jornadas foram de 40500 a 45500 por dia para os homens.

Em VALE DE VARGO, ALDEIA NOVA, PIAS, SOBRAL DA ADICA, etc. as jornadas foram de 35500 para os homens e de 22500 para as mulheres.

A unidade dos rurais alentejanos fez-se sobretudo nas praças de jornal, verificando-se em algumas localidades grandes manifestações, por exemplo em MONTEMOR-DO-NOVO (400), ESCOURAL (200), EVORA (500), etc.

Uma vez mais a unidade e a ausência de lutas, os grandes agrários aproveitaram-se dessa situação para estabelecer jornadas de fome, como sucedeu em FICHA (19500 os homens e 15500 as mulheres), ALCAÇOVES, ESCOURAL, MONTEMOR-DO-NOVO, etc. Este é o caminho que se apresenta a todos os trabalhadores rurais na defesa dos seus justos interesses.

COMEMORARAM O 1.º DE MAIO OS TRABALHADORES PORTUGUESES

Agueda — Quase todas as fábricas desta vila não trabalharam no dia 1.º de Maio. Na serraria J. Silva & C.ª houve um almoço de confraternização para os operários e na fábrica da Corrugave houve um outro almoço onde os operários deram vivas ao 1.º de Maio. A fábrica de cerâmicas e olarias de Alameda, onde os operários foram orientados com verduras e houve almoços de confraternização.

PORTO — Numa empresa metalúrgica foi feita uma saída pelo 1.º de Maio perante todos os trabalhadores a hora do almoço, que foi muito bem recebida.

Também em VALE DE VARGO, ALJUSTREL, FIAS, BALEIAZ, BENAVIA, MONTEIRO DE BALNEAR, MONTEIRO DE BALNEAR, GRANDOLA, S. TIAGO DO CACÉM, SINES e muitas outras localidades os operários industriais e agrícolas comemoraram a jornada do 1.º de Maio com concentrações, cantos, vivas, minutos de silêncio, etc.

Desta forma fica provado que a repressão fascista é impotente para evitar que os trabalhadores portugueses celebrem a sua jornada que lhe é querida, que está estreitamente ligada à sua vida presente e futura.

O SALAZARISMO ESTÁ EM CRISE!

(continuado da 1.ª pág.)

combatividade e o alargamento e reforço das fileiras das forças democráticas da oposição anti-salazarista. Da forma empreendida pelo Partido Comunista no sentido da unificação de todos os anti-salazaristas num só bloco eleitoral em volta de um programa mínimo e de se pôr a apresentar candidatos a deputados para a Assembleia Nacional em 1957, encerraram de pânico a camarilha governante, que não queria perder o seu domínio sobre o país.

Foram os salazaristas não se acham com forças suficientes para suprimirem completamente o sufrágio directo e voltar ao regime exclusivamente eleitoral, como a chamada «representação corporativista». Como salientou o Dr. Albino dos Reis no encerramento do Congresso da «União Nacional», eles recebem que enveredando por esse caminho escabroso conduzam ao regime do «INSUCESSO E DA DEGRADACÃO». Isto não é mais do que a realidade que se encontram divididos e indecisos quanto ao caminho a seguir para enfrentarem o embalo com as forças da oposição anti-

-salazarista, se estas se apresentarem unidas e organizadas nas lutas eleitorais para deputados e para a Presidência da República.

Um papel decisivo cabe às forças da oposição anti-salazarista: tornar impossível tal manobra do governo de Salazar! Se as forças da oposição, em primeiro lugar os partidos e forças democráticas, se unirem para a criação imediata no sentido de forçar o regime a impedir a sua própria Constituição e se essa acção for suficientemente forte, virão a fazer a manobra. A PRIMEIRA GRANDE VITÓRIA DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS E ANTI-SALAZARISTAS ESTÁ AO NOSSO ALCANCE! É, pois, a primeira batalha que temos pela frente e para a qual temos de saber unir os nossos esforços!

Não tenhamos dúvidas, se forçarmos o governo a retirar a lei de 1936, a desagregação do regime apressar-se-á mais ainda e o caminho para uma solução pacífica do problema político nacional tornar-se-á mais fácil.

O nosso êxito, nesta primeira batalha, depende unicamente da unidade das forças da oposição anti-salazarista!